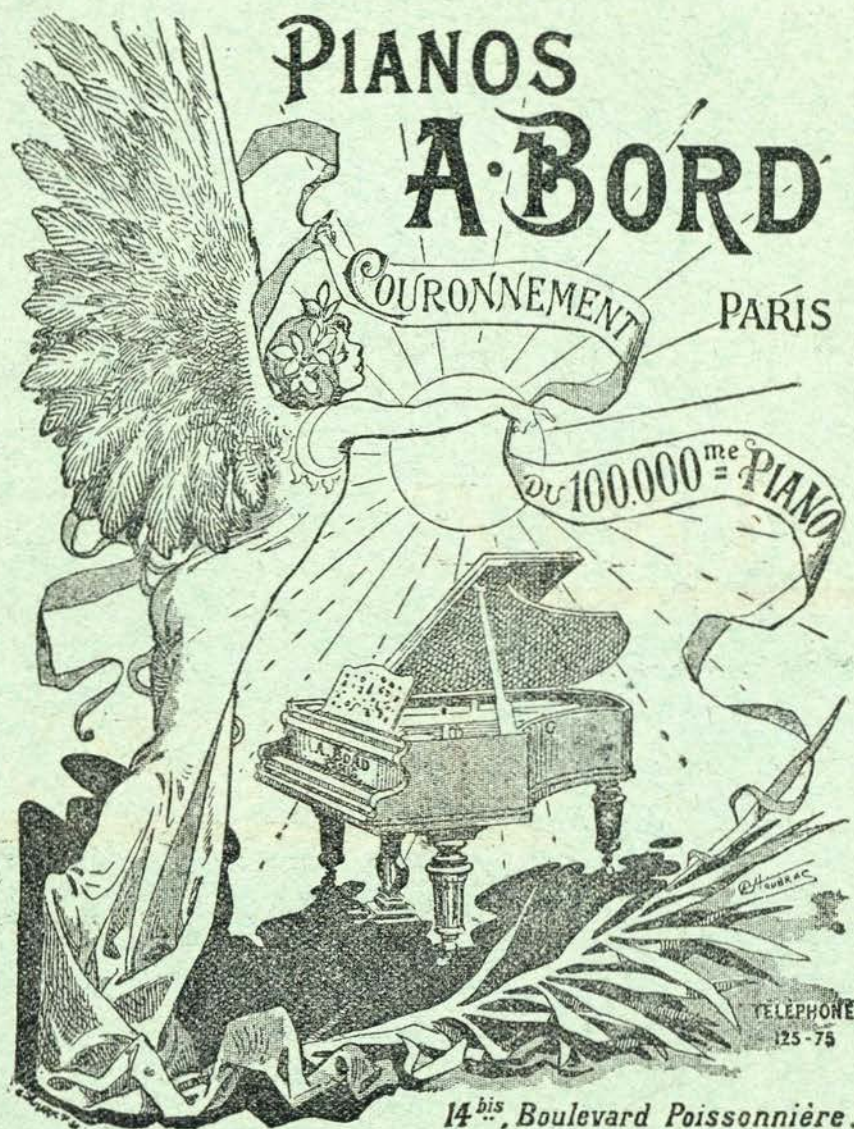




A ARTE

MUSICAL



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje	116:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega — Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334 RUE ST HONORE.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

Lambertini
REPRESENTANTE
E
Unico depositario dos celebres pianos
DE
BECHSTEIN
43 — P. dos Restauradores — 49

TRIDIGESTINA LOPES
Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)
Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avancadas.
PHARMACIA CENTRAL
de F. Lopes
108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — **CAROL OTTO** — BERLIM



LAMBERTINI

Representante dos Editores
Franceses

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras de Operas

Antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Pecam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas
para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA



Redacção e administração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — A musica em Portugal e a Casa de Bragança — Theatro de S. Carlos — Chronica Theatral — Noticiario — Caricatura.

A musica em Portugal e a Casa de Bragança

Dissemos no nosso numero anterior que a dynastia de Bragança exercera sempre uma acção preponderante na vida artistica portugueza, e julgamos desnecessario demonstrá-lo. Tal acção não deve porém ser attribuida unicamente á situação official que ella occupa, senão tambem ao espirito, por assim dizer hereditario na familia real portugueza e cuja influencia, mais ou menos, se encontra em todos os ramos da arte cultivados no nosso paiz. Pondo porém de lado o aspecto geral que a questão possa ter, e limitando-nos apenas ás relações em que essa esteja para com a *Arte Musical*, mais evidente se torna a herança apontada e que, já agora, devemos transferir da dynastia para a Casa de Bragança.

Effectivamente já nos avós de D. João IV se encontram as preocupações artisticas e os germens que, após 1640, hão-de transformar-se em instituições absolutamente notaveis e que, perpetuando-se por largo espaço de tempo, darão singular brilho á nossa historia musical.

D. Theodosio I, bisavô do *Restaurador*, deixára aos seus herdeiros uma valiosa bibliotheca, annexa á casa de Bragança: ahi irá mais tarde D. João IV buscar muitos elementos para a sua bibliotheca musical.

D. Theodosio II, neto do precedente, e portanto pae do mesmo D. João IV, era um principe muito illustrado; e foi elle quem propriamente, e com especial intenção, fez nascer em seu filho a preocupação artistica, obrigando-o a estudar musica contra a sua

vontade. D. João IV que nunca conseguiu ter uma instrucção geral solida, muito longe d'isso até, não revelara precocemente as capacidades musicas que, ao depois, não pôdem negar-se-lhe e que se manifestaram sob variados aspectos.

Tinha D. Theodosio II *capella* propria, cujo esplendor verdadeiramente regio a tornava preponderante entre todas as existentes ao tempo no paiz.

Protegia e favorecia com largueza os artistas musicas. E, não contente com isso, fundava em Villa Viçosa um seminario a que deu o nome de *Collegio dos Reis* (magos) e onde se passou a ensinar latim e musica. No seu testamento recommendava principalmente aos cuidados do filho a sua Capella ducal e o seu Collegio de Villa Viçosa, com todo o seu pessoal de capellães, musicos e outros officiaes; que para isso «o havia obrigado, contra sua vontade, a que aprendesse musica.»

E não foi perdida a recommendação; porque logo após a morte do pae (29-11-1630). D. João, 8.º duque de Bragança, começou por dar grande impulso á organização da sua bibliotheca, enriquecendo-a com numerosas acquisições feitas em varios paizes e em que dispendeu avultadas quantias. O que demonstra a existencia, senão de uma grande cultura, pelo menos de agudeza d'um espirito avido de commoções estheticas.

Apoz 1640, e como rei que já é, encontra D. João outras facilidades para a realisação dos seus projectos d'arte. E é então que, reunindo o que encontra nos cartorios da casa de Bragança, em Villa Viçosa e Lisboa, ás acquisições que vinha fazendo e aos volumes que foi buscar á bibliotheca de D. Theodosio I, e transportando tudo isso para um dos pavilhões do Paço da Ribeira, ahi estabelece

a mais notavel livraria musical do tempo. O catalogo foi publicado em 1649 e d'elle fez ha annos uma edição critica o sr. Joaquim de Vasconcellos. N'essa extraordinaria collecção continham-se 1023 auctores, entre os quaes mais de 40 eram portuguezes; enorme quantidade de musica religiosa de todos os generos ao tempo conhecidos e empregados no culto; e muita musica profana, madrigaes canções, arias, cantigas, motetes; algumas operas a começar em 1590, varios bailados e numerosas mascaradas. Só de Palestrina, o

D. João IV não teve porém a preocupação exclusiva de um bibliophilo. Desenvolveu bastante e deu estatutos ao Collegio dos Reis; protegeu os artistas; escreveu varios trabalhos do que nós hoje chamariamos critica musical; e fez musica sua, revelando-se musico excellente e consciencioso. E' o erudito musicographo sr. Ernesto Vieira que no-lo diz no seu valioso *Diccionario biographico dos musicos portuguezes*, d'onde extraímos grande parte das informações para estas despretenciosas notas.

Assim é que, entre outras obras, algumas das quaes haviam ficado manuscriptas, lhe são attribuidas sem discordança:

— *Defeza de la musica moderna contra la errada opinion del Obispo Cyrillo Franco*. Como muito bem diz o sr. Vieira, esta resposta datada de dezembro de 1649 a uma carta de fevereiro de 1549 é sobremaneira tardia. Mas como o espi-rituoso bispo com razão se revoltasse contra a musica religiosa que immediatamente precedeu a reforma palestriniana e tão rapido acolhimento proporcionou a esta; e como D. João IV, com muita erudição e no espirito da epoca, accumule argumentos a favor da musica do grande reformador do Renascimento; certo é que a resposta é acceitavel sem todavia nos surprehender pelo arrojo e extranheza dos argumentos.

— *Respostas á las dudas que se pusieram a la missa PANIS, QUEM EGO*

DABO, del Palestrina, etc. (25-9-1654).

Ambas estas obras escriptas e publicadas em hespanhol foram mais tarde traduzidas e publicadas em italiano, por ordem e á custa do seu regio auctor.

Das composições musicas de D. João IV ainda hoje se canta na Sé de Lisboa, ás quartas e sextas feiras da quaresma, um *Motete* a 4 vozes, sobre as palavras *Adjuva nos Deus*.

No interregno que dura cincoent'annos e



JOANNES IV.

grande reformador da Renascença, comprehendia mais de cinco mil obras diversas.

Tantas riquezas pouco tempo ficaram comtudo reunidas. E' certo que em 1668 ainda apparece decretada para ellas a nomeação de um bibliothecario; mas, quando D. João V subiu ao throno, já pouco encontrou da preciosa collecção. Não é pois necessario o terramoto de 1755 para explicar o seu desapparecimento; haviam por lá passado os reinados de D. Affonso VI e D. Pedro II, de facto pouco musicas e harmoniosos.

vae de 1656, morte de D. João IV, a 1706, advento de D. João V, os tempos não correm propícios para a musica, como já dissemos. Apesar das notáveis figuras dos Condes de Castello Melhor e da Ericeira, tudo se perde em luctas deploraveis; ahí sossobram, por exemplo, algumas das nossas mais interessantes industrias, a obra do Ericeira. Para a musica, como para a architectura e para as artes menores da decoração, ia porém agora surgir uma epoca, senão de grande profundidade e benéfica influencia, pelo menos de grande fausto e brilhantismo. As minas d'ouro e pedras preciosas do Brazil vasavam em Portugal riquezas deslumbrantes que o monarca empregava em proveito da religião e dos prazeres de uma corte pomposa e despreoccupada.

D. João V não foi um tecnico como seu avô; foi porém um amador insaciavel, um *jouisseur*, como hoje diriamos, que se comprazia na contemplação de uma arte toda de aspectos grandemente decorativos e brilhantes. E por isso, á influencia severa e profunda da obra paletiniana e, em grande parte, da escola flamenga que caracterisava a epoca de D. João IV, oppunha elle a influencia sensual da arte italiana do seculo XVIII, arte toda de deleite, de mero deleite. E, dados os excepçõaes recursos de que dispõe, a sua acção é tão larga e communicativa, por lisongear o temperamento meridional, que ainda hoje a sociedade portugueza vive sob a influencia da musica italiana sem poder emancipar-se d'ella.

A acção do rei magnanimo fez-se sentir em tres campos diversos: na musica religiosa, na musica dramatica e na organização dos respectivos ensinamentos.

No campo religioso, occupa-se elle a um tempo das instituições fundadas pelos duques de Bragança e da que, iniciada pelos reis portuguezes da primeira dynastia, fôra desenvolvida pelas da segunda e terceira.

Assim, durante os 44 annos do seu reinado, imprime um extraordinario desenvolvimento ao *Collegio dos Reis* de Villa Viçosa; manda reconstruir o seu edificio, eleva a 20 o nu-

mero dos seus alumnos, e entrega a direcção technica aos jesuitas. O *Collegio* attinge então um grau de prosperidade notavel; muitos dos collegiaes veem mais tarde completar os seus estudos na Patriarchal, entre outros Marcos Portugal e Frei José Marques. Essa prosperidade ainda se mantem por alguns tempos. No fim do seculo XVIII começa porém a decadencia. Vem depois a guerra peninsular. Em 1812, já não existia o *Collegio* e a *Capella ducal* contava apenas 10 can-



D. PEDRO IV

tores e 2 organistas. E em 1834 extinguiu-se de todo a obra de Villa Viçosa.

A *Capella Real* de Lisboa, fôra fundada em 1299 por D. Diniz, com séde no Paço do Castello de S. Jorge; D. Duarte e D. Affonso V desenvolveram-na consideravelmente. Em 1500 D. Manoel estabeleceu-a no Paço da Ribeira. Depois, D. João III augmentara-lhe o numero de musicos e Philippe I, em 1592, concedia-lhe um novo regimento. Mas D. João V, que lhe alargára consideravelmente o orçamento, ia dar-lhe uma grandeza

egual á da *Capella Pontificia*, depois de conseguido o Patriarchado. Possuiu ella então mais de setenta cantores; entre estes houve muitos italianos, *castrados* de valor; e, como mestres directores, teve Domingos Scarlatti e outros notaveis, ainda.

Mas o rei não era homem de meias medidas. Os dois carrilhões de Mafra ahi estão a confirma-lo.

Não contente com o que dissemos, man-



G. ROSSINI

Retrato offerecido a El-Rei D. Luiz

dou vir d'Italia alguns cantochonistas e liturgistas. Ao mesmo tempo subvencionava os estudos de portuguezes no estrangeiro; obtinha copias de todos os livros do côro do Vaticano; e mandava fazer, em Roma, traducções de livros liturgicos orientaes para se applicarem no culto da egreja catholica em geral. Até ao fim do seculo XVIII houve uma constante migração de musicos e cantores notaveis da Italia para Lisboa. Em 1808, com a ida da côrte para o Brazil, baixou muitis-

simo o antigo esplendor da *Capella Real*; mas em 1820 readquiria-o ainda em parte.

No campo da *Opera italiana*, o esplendor attingido não foi menor. As representações começaram por saraus no Paço, em que se dava principalmente musica hespanhola. Mas esta cessava de ahi se ouvir em 1728, oito anos depois de ter começado a sentir-se a influencia italiana, provavelmente com *Scarlatti*. A primeira opera de que ha noticia foi can-

tada em 1733. Em 1737 começa a funcionar a *Academia da Trindade*, em 1738 o *Theatro da Rua dos Condes*.

Em 1713 é fundado o *Seminario Patriarchal*, grandiosa instituição que, mandada fechar em 1833 ou 34, se transforma em 1835 no *Conservatorio Real*, creado na parte musical sob a direcção de Bomtempo (1775-1842) — O rei magnanimo estabelece ainda uma *Escola de canto religioso* no Convento de Santa Catharina, Caxias.

D'estes estabelecimentos saiam naturalmente muitos musicos que mais tarde se dedicaram á musica profana, por exemplo Marcos Portugal, já citado.

D. João V morria em 1750. Mas o impulso por elle dado ás cousas musicas transformara se n'uma necessidade da vida portugueza, perpetuando se por muitos annos. Assim em 1755 era inaugurada no Paço da Ribeira a *Opera do Tejo*, sumptuoso theatro que o terramoto destruiu mezes depois. Cantou se ahi então uma opera de David Peres que, chegado a Portugal em 1752, cá ficava até 1780. Pouco depois, dava se tambem ahi, uma outra opera de Mazzoni. Em 1752 debutava em Lisboa o maior tenor do seculo XVIII, o celebre Raff que estudara em Bolonha com Bernacchi e se tornara notabilissimo no canto ornamentado. Era o mesmo que em 1773 se fazia applaudir estrondosamente nos concertos espi-

rituaes de Paris, juntamente com a nossa Luiza Todi, que quasi não cantou em Lisboa e que adquiriu uma fama universal nos primeiros theatros do mundo.

Era então a grande epoca dos *Sopranistas*, dos cantôres castrados de que a Italia tinha o exclusivo de fabricação. D'entre os mais notaveis por ordem chronologica, *Farinelli*, o celebre ministro de Philippe V de Hespanha, e *Cafarelli*, o vocalista brilhante, discipulos de Porpora, rivaes um do outro e ambos

elles de *Giuzziello*, notavel no canto expressivo; de *Pacchiarotti* que talvez o excedesse em ternura e doçura de voz; de *Crescentini* adorado por Napoleão e *Velluti*, que transmite aos cantores do principio do seculo xix as tradições do *bel canto*; Lisboa só logrou ouvir o segundo e o terceiro, *Cofarelli* e *Giuzziello*. — Mas com esses vieram muitos outros conhecidos ainda; *Luciani*, *Gaheni*, *Orti*, *Il Balino*, e emfim toda uma serie de cantores de primeira ordem que aqui davam o repertorio que então se cantava nos mais importantes theatros italianos. Foram assim ouvidas em Lisboa as operas de David Peres, Mazzoni, Hasse, Frichiatti, Lampugnani, Avondano, Jomelli, Piccini, Zanetti, Galuppi, Paisiello, Cimarosa, Gretry, Haydn, Salieri, Sponcini, etc. (1)

E, entre estes, vemos o resultado do ensino nacional e das pensões no estrangeiro nos nomes de Francisco Antonio d'Almeida, Luciano Xavier dos Santos, João Cordeiro da Silva, Jeronymo Francico de Lima, João de Sousa Carvalho, Antonio da Silva, Leal Moreira, Braz de Lima e outros ainda; uma pleiade de operistas portuguezes.

De todos esses compositores e pensionistas o mais notavel foi sem duvida Marcos Portugal; e foi tambem o ultimo em data, porque só partira para Napoles, onde então iam estudar os nossos, quando já abandonados os theatros da cõrte e substituidos pelo de S. Carlos. Depois do terramoto construíram-se tres d'esses theatros: um na Ajuda, outro em Salvaterra, e o terceiro, em Queluz, inaugurado a 16 de dezembro de 1778.

Como resultado do ensino que vimos apontando, devemos referir-nos ainda outra vez á nossa Todi. Parece que ella teve como mestre, além do marido, o celebre David Peres. Em Portugal porém se for-

mou como cantora, ou teve o ensino fundamental. E o que deve dizer-se, porque os proprios francezes o affirmam, é que no canto largo e dramatico ella exerceu a mais indiscutivel influencia na formação dos grandes cantores da França, do principio do seculo xix.

Na vida portugueza dá-se uma como solução da continuidade no primeiro terço do seculo xix. Ao principio a guerra da península, a ida da cõrte para o Brazil trazem-lhe um enfraquecimento sensivel; mais tarde as

Hommage Respectueux
offert
a. S. M. Très Fidele Dom Louis I^o
Roi de Portugal
Par
son Heureux Collegue
et serviteur très affectueux
G. Rossini
Paris 21 nov^r 1823

DEDICATORIA DO RETRATO

luctas liberaes suspendem-lhe d'onde a onde as manifestações artisticas.

D. João VI, que sempre vivêra em intimo convívio com os cantôres da *Capella Real*, funda então uma *Escola de musica* no Paço do Rio de Janeiro, aproveitando elementos do antigo Collegio dos Jesuitas. Ahi exerceram o professorado os dois irmãos Marcos e Simão Portugal. Mais tarde D. Pedro IV transformava essa escola n'um verdadeiro *Conservatorio*.

(1) Parece-nos que já de então data e, pelos factos apontados, se justifica a reputação que, no mundo musical, gosou durante muito tempo o theatro d'opera de Lisboa, bem como o grande valor critico que a sua platêa justamente se attribuiu por muito tempo e a fazia temida dos artistas, valor em cuja existencia *sebastianista* ainda hoje ha quem acredite.

O imperador, que no campo musical se revelou cedissimo e d'uma fórma notavel, teve como principal professor de musica o allemão Segismundo Neukomm que residiu no Rio de Janeiro de 1816 a 1822 e havia sido discipulo de Haydn. D. Pedro tocava varios instrumentos, entre outros, rabeca, flauta, fagotte e trombone. Compoz muito, tanto no genero sacro, como no profano. A sua

D. Pedro IV foi amicissimo de Marcos Portugal, Nunes Garcia e outros musicos que viviam no Brazil, como o havia sido de Neukomm e mais tarde o foi, em Portugal, do pianista e compositor Bomtempo, de Canongia que conhecera em Paris, e gcralmente de todos os bons musicos que cá viviam. A todos recebia affectuosamente. Durante o cerco do Porto por vezes se deleitava tocando duetos de flauta com João Parado, excellente professor que alli houve.

D. Maria II teve como marido um principe entusiasta pelas artes em geral e pela musica em particular. D. Fernando não só foi colleccionador activissimo, como pintor e cantor distincto. Esses talentos soube elle transmitir-lhes a seu filho, o Senhor D. Luiz I cuja vida artistica está ainda na memoria de todos nós. Reunia este em si o sentimento litterario mais fino e a comprehensão da melhor musica. No seu instrumento favorito, o violoncello, algumas pessoas a quem o defuncto monarcha queria especialmente distinguir assistiram a interessantes sessões em que elle, isoladamente, percorria uma parte inteira de um ou dois quartettos classicos, fazendo admirar as suas qualidades de *virtuose* e de musico consciencioso.

Passando por Paris, em Novembro de 1867, D. Luiz visitou o velho Rossini, e muito fallaram d'essa visita artistica os jornaes do tempo. Então ainda o cisne de Pesaro, como usavam chamar-lhe, conservava por toda a parte muitos e ardentes adoradores. Hoje, que tudo mudou em materia musical, temos nós porém o feliz ensejo de revelar aos leitores da *Arte*

Musical o curioso authographo (inedito, julgamos nós) em que Rossini presta homenagem ao rei de Portugal. Esse authographo encontra-se nas costas do retrato que tambem publicamos e provavelmente foi tirado por occasião da visita do Senhor D. Luiz para lhe ser offerecido. Os originaes que serviram á nossa reprodução pertencem ao director d'esta Revista.

E só quasi resta citar o que, como amator



D. CARLOS I

primeira grande composição foi um *Te-Deum* a 4 vozes e orchestra. Em 1833 fez cantar em Paris uma opera com letra portugueza. As casas Palmella e Fronteira possuem algumas das suas partituras em authographo. Um dos generos de composição de que mais gostava o imperador eram os *Hymnos patrioticos*; conhecem-se-lhe varios, entre outro o *Hymno da Carta*, que foi pela primeira vez cantado em S. Carlos no dia de Reis de 1827.

da arte musical, attribue uma revista estrangeira ao malogrado Senhor D. Carlos, porventura o mais artista de todos os Braganças, porque era um notavel paisagista, dotado de accentuada e pessoal visão dos aspectos da natureza. Lê-se em *Les Annales* de 9 do corrente mez: «O rei D. Carlos I não era sómente um caçador emerito e um aquarelista de valor real; era tambem um musico de talento. Provou-o espirituosamente na viagem official que em 1905 fez a Paris.

«Madame Loubet, que alguns diplomatas nossos haviam informado a tal respeito, não podia deixar de felicitar o seu regio hospede pelos talentos artisticos que possuia e sobretudo pela sua execução de pianista. Modestamente este corrigiu:

— «Pianista, parece-me de mais; eu arranjo apenas (*je pianote*).

«E, como um homem simples que não gostasse de se fazer rogado, assentou-se ao piano e, durante cerca de uma hora, conservou os seus amphytriones sob uma extranha impressão d'encanto, tocando-lhes alternadamente, como um verdadeiro profissional, já canções populares portuguezas, já trechos de compositores modernos ainda ao tempo desconhecidos no Elyseu.»

Nós ignoravamos que os talentos musicas do fallecido rei chegassem até ahi. Sabiamos porém, que cantava distinctamente e possuia uma magnifica voz de barytono.

Mas tanto o Senhor D. Fernando, como o Senhor D. Luiz, como ultimamente o Senhor D. Carlos exerceram ainda a sua influencia e a sua protecção a favor de muitos artistas portuguezes, subvencionando-os aqui ou no estrangeiro, adquirindo-lhe os seus trabalhos, premiando-lhe os seus esforços, animando-os por todas as fórmias. O grande pianista José Vianna da Motta deve a sua cultura alleman ao principe consorte de D. Maria II; auxilio que, por morte de D. Fernando, foi continuado pelo infante D. Augusto. E o nosso artista é hoje uma verdadeira gloria nacional.

No nosso ultimo numero já nos referimos ao apoio que a Grande Orchestra Portugueza encontrou no Senhor D. Carlos. E igual confissão póde ser feita por muitos outros artistas portuguezes. Ainda no dezembro ultimo, quando em Villa Nova de Gaya Antonio Teixeira Lopes festejava as bodas d'ouro de seus paes, o defuncto monarcha lhe enviou a mais to-



D. MANUEL II

cante lembrança: uma aquarella sua, offerecida ao «grande mestre».

Fechamos esta curta noticia com as palavras que ouvimos ao illustre professor o sr. Rey Colaço, mestre do Senhor Infante D. Manuel, hoje Rei de Portugal, acerca do seu regio discipulo:

— «E' pena que não possa trabalhar mais o seu piano (*sic*), porque é dotado d'um verdadeiro temperamento artistico. Mas tem muito

que estudar e a Rainha não transige em questões de disciplina. De fôrma que não pôde fazer quanto elle quer e eu tambem».

E temos de parar aqui.

Ao dizer estas palavras Rey Colaço tinha os olhos marejados de lagrimas. Assim tambem os nossos olhos n'este momento nos impedem de continuar a escrever.



Com frequencia se diz que hoje não ha as vozes de outro tempo, porque falta a materia prima. Pela scena lirica de S. Carlos tem passado durante os ultimos anos uma pleiade de artistas que se encarrega de provar a falsidade d'aquella proposição.

Não falta a materia prima. O que falta é o consciencioso e aturado estudo de outras épocas, exigido e dirigido por mestres que tinham sido afamados cantôres e que sabiam ensinar. Faltam as escolas que havia junto das catedraes, onde os meninos do cêro cêdo se dedicavam ao estudo da musica e do solfejo entoado, podendo desde tenra idade ser-lhes aproveitadas as disposições para instrumentistas ou cantôres, segundo as aptidões de cada um. E só no fim de bastantes anos de estudo é que o artista cantôr era julgado apto para se apresentar em publico.

Vinha então com a voz bem empostada e bem formada. Os estudos de vocalização a que o tinham sujeitado equalavam-lhe a sonoridade dos diferentes registos, permitiam-lhe vencer difficuldades e dar ao canto a expressão e sentimento adequados. A dicção era clara e correcta.

Eram vozes que duravam muitos anos.

Se o modo de escrever de alguns compositôres contribuiu ou contribue ainda para cançar a laringe do artista num curto praso de tempo, a falta de exercicios de vocalização é tambem um factor importante para que a voz muito depressa se gaste e apresente sintômas de cansasso. E não é possível prever até onde irão os resultados d'esta decadencia da arte de canto, vista a preponderancia que a orquestração descriptiva tomou sobre as personagens scenicas, recuadas para o segundo plano e reduzidas á declamação melodica do inexprimivel em musica. O artista não só muito tarde se dedicou ao

canto, — porque tambem só muito tarde lhe descobriram a latente materia prima, não tendo deante de si o tempo preciso para destinar ao estudo, — mas entende tambem desnecessario esse mesmo estudo, porque a opera lirica de hoje não tem as exigencias de *bel canto* de outras eras.

No dia 14 tivemos o prazer de ouvir no *Orpheu* de Gluck a sr.^a Maria Delna, uma cantora altamente cotada na Opera-comica e na grande Opera de Paris, onde a sua voz de contralto durante alguns anos deliciou os *dilettanti*.

A sr.^a Maria Delna, ou melhor, Maria Ledant, nasceu em Paris em 1875. Tendo ficado orfan, foi viver para Longjumeau com os avós maternos; os avós paternos, proprietarios de um café em Meudon, tomaram conta d'êla quando tinha 7 anos. Dizem que cantava desde os 3. Aos 13 tinha a voz desenvolvida e bem timbrada. Cantava para embalar e adormecer a sua boneca.

Ouviu-a por acaso o pintôr Baudoin que, impressionado pela beleza d'aquella voz, obteve da avó permissão para levar a neta para Paris e tratar da sua educação. Tinha então 15 anos. O apelido Ledant foi transformado em Delna.

Baudoin encarregou a professora Rosina Laborde da educação artistica de Maria Delna.

«— C'est la Malibran que vous m'amenez là, s'écria la grande artiste, dès qu'elle eut entendu sa nouvelle élève. La voix est faite et parfaitement posée, et l'enfant sait chanter dans tous les sentiments. Je n'ai qu'à lui apprendre son répertoire.» (1)

Em junho de 1892 debutava Delna na Opera-comica, nos *Troyens* de Berlioz. Tinha portanto 17 anos.

Esta creança prodigio, no dizer de Rosina Laborde não precisava de estudar, de vocalizar. Já sabia tudo. Pelo que se vê, o curto periodo dos 15 aos 17 anos passou-o a preparar um repertorio e talvez a receber lições de arte dramatica.

Antes da nossa opinião a respeito de *madame* Delna reproduziremos um periodo que encontramos na citada biografia:

«Delna a possédé également un fort beau médium; peut-être dernièrement une série ininterrompue et excessive de représentations l'a-t-elle légèrement modifié. On s'en est à peine aperçu; Delna possède d'ailleurs un organe si extraordinaire que, même sans voix mixte, elle arriverait à satisfaire aux plus grandes exigences du chant.»

(1) Biografia elogiosa de Delna. assinada por Edouard Beaudu, publicada no *Album comique*, janeiro de 1908.

O italico é nosso. A peregrina opinião de um artista poder satisfazer ás maiores exigencias do canto sem as notas do registo medio, sejam élas muitas ou poucas, é do articulista francêz.

As notas de peito, que formam o registo grave da voz da sr.^a Delna são de uma grande beleza e de uma sonoridade surpreendente. Nunca ouvimos igual. Este registo vai até ao *fa* sustentido do segundo intervalo na clave de *sol*. D'aqui até ao *si* natural da terceira linha faz-se a transição do registo de peito para o de cabeça. A sonoridade d'este registo medio é muito velada. Do *si* natural para cima a voz muda de timbre e enfraquece.

Cançasso por excesso de trabalho, explica o articulista francêz Beaudu. Por falta de exercicios de vocalização? perguntamos nós. Talvês. Aos 33 annos, no vigôr da idade, só a deficiencia de preparo laringeo nos pôde dar a razão d'esta alteração de voz, em manifesta decadencia. A aria final do *Orpheu*, *Che farò sença Euridice* devia ser deliciosamente cantada pela sr.^a Delna quando estava na posse de todos os seus dotes vocaes.

Na expressão melodica é sensível a influencia da actual escola francêsa de canto, embora a sr.^a Delna não tenha sido discipula do Conservatorio de Paris. Sempre o ataque da nota em *crescendo* e o exagero nos *portamenti*.

A sr.^a Delna apresenta no *Orpheu* uma interpretação dramatica acima de todas as exigencias. E' uma comediante conscienciosa a avizinhar-se do genero tragico.

No dia 18 reapareceu o *Amôr de perdição* que êste ano melhorou de desempenho, porque o tenôr Vignas se encarregou de cantar a parte de Simão. E' para estimar que esta partitura, genuinamente portugêsa, se conserve no repertorio de S. Carlos.

A sr.^a Gagliardi é sempre a conscienciosa artista que nos tem merecido o mais franco elogio. Na protagonista do *Amôr de perdição* tem a notavel cantôra uma das suas melhores creações.

Na noite de 20 reapareceu a *Fedora*, cujo desempenho êste ano muito deixa a desejar. Ha irregularidades no movimento scenico que mostram bem a nenhuma importancia que o respectivo ensaiadôr ligou ao drama. Quanto á protagonista e ás personagens se-

cundarias foi de uma grande infelicidade a sua escôlha.

E dêsde o dia 16 que não tornou á scena o *Tristão e Isolda*. Receamos que haja o firme proposito de o não fazer ouvir mais. E' manifesta a guerra aos dramas de Wagner, o que não depõe muito a favôr dos frequentadores do nosso teatro lirico. No entanto já



MARIA DELNA

para debute da sr.^a Mantelli se anuncia o *Sansão*, que durante alguns anos foi ouvido com aborrecimento e que nesta epoca lirica já foi cantado sete vezes. Urge portanto insistir na apresentação das partituras de Wagner.

26 de fevereiro.

ESTEVES LISBOA



Chronica Theatral

Theatro D. Amelia. *Direitos Paternos*, peça em 4 actos de Alberto Guinan e A. Bauchinet, traducção de «Santonillo» — **Theatro Avenida.** *A Filha das Ondas*, magica maritima em 3 actos e 12 quadros, original de Luiz d'Araujo, musica de Calderon.

O grande exito que a peça *Direitos Paternos* alcançou no D. Amelia logo na primeira representação, veio mostrar mais uma vez que tivemos razão quando censurámos a empresa em pôr em scena essa immoral peça; *O verdadeiro rumo*. Agora o caso é differente: a peça *Direitos Paternos* é d'aquellas que se impõe não só pela finura da linguagem mas, sobretudo, pelo lado moral que ella encerra.

O theatro é uma escola de costumes; desde que ponham no palco obras que encermem theorias abjectas, e em que o vicio é posto a descoberto nas suas formas variadas, o theatro torna-se um exemplo vivido de corrupção moral, que devemos evitar immediatamente a não ser que queiramos nivelar os sentimentos das nossas familias, ás scenas que meia duzia de escriptores nos querem apresentar.

Por isso, quando uma empresa theatral nos dá peças más, toda a critica é pouca para censurar, assim como quando nos offerece obras sans, todos os elogios são poucos; é isto o que demanda a critica imparcial e justa.

Ora hoje estamos no caso, em que a empresa do D. Amelia merece os maiores encmios em ter escolhido para o seu repertorio uma peça d'esta ordem, que irá ter o mesmo exito da *Casa em ordem*.

Direitos Paternos é uma obra que desde logo alcançou grandes applausos da critica parisiense, assim como da critica ingleza e italiana onde a peça foi logo dada. Por isso era de crer que em D. Amelia alcançasse egual exito.

A sr.^a Orsier (Josephina d'Oliveira) foi casada com um architecto bastante voluvel em materia d'amor, (Augusto Rosa); a esposa já farta de o aturar, requereu divorcio. D'este casamento nascera uma filha, *Joanna Orsier* (Lucilia Simões). Na sentença do tribunal, o pae tinha o direito de ter a filha em sua companhia, durante um mez em cada anno, o de junho. Passaram-se muitos annos e o pae nunca deu novas de si, e a filha foi educada com os maiores sacrificios, não só pelo grande amor de mãe, mas porque a fortuna não era grande.

A peça principia quando *Joanna* é pedida

em casamento por um tal *Eduardo Liègeois*, empregado do commercio (Carlos d'Oliveira), e na occasião em que o advogado paterno vem para cumprir a sentença do tribunal. *Joanna* parte para casa do pae cheia de contrariedade. O encontro foi gelado e hostil, porém o pae pôo grande amor pela filha, tornou-se o que nós poderemos chamar um *baboso* e *Joanna*, pela sua bondade, consegue a paz entre os paes, e assim acaba a peça.

O desempenho foi notabilissimo por parte de Lucilia Simões e Augusto Rosa.

Lucilia, que é hoje uma das nossas primeiras actrizes, deu-nos agora, no papel de *Joanna Orsier*, mais uma prova, bem clara, do seu grande talento. O papel de *Joanna*, que é todo elle cheio de delicadezas de sentimentos, desde o primeiro acto até ao ultimo, havendo um verdadeiro contraste no segundo, em que o sentimento da *mulher* se apaga dentro do veo da *frieza* para se expandir nos actos restantes, no meio differente que agora tinha, é uma luta de sentimentos que foram notavelmente burilados por Lucilia.

Augusto Rosa deu-nos um *Carlos Orsier* estudado, havendo scenas brilhantemente representadas como foram as do 3.^o acto que levantaram grandes ovações.

Josephina de Oliveira deu-nos uma mãe carinhosa e sentimental, todas as scenas do 1.^o acto e ultimo, principalmente o dialogo com o marido, foi bem representado.

Cecilia Neves, em um papel mais importante, soube ser correcta, e agradou com justiça.

Carlos de Oliveira, sempre correcto em scena, dizendo bem, como mostrou em todas as scenas do 1.^o acto.

Alexandre Azevedo, no papel de *Jayme Touzery*, continua a mostrar-se actor com vontade de progredir.

Os restantes artistas, regularmente.

A traducção está habilmente feita pelo distincto jornalista «Santonillo».

Em todos os actos os artistas foram muito applaudidos, e no final da peça Lucilia, Josephina e A. Rosa tiveram muitas chamadas.

No theatro Avenida, representou-se agora uma magica. E' um genero de espectaculos que agrada sempre; mas é necessario um *grande* luxo de scenario e bons artistas. Os reclamamos á magica *Filha das Ondas* eram tantos, que nos levaram a ir vel-a! Pois senhores, é uma peça que consegue fazer sono. Não me lembro de todos os nomes dos artistas, apenas direi que Rentini, Carmen Cardoso e Mottili satisfizeram.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



PORTUGAL

Paralysou por completo, durante o mez que hoje finda, o nosso pequeno movimento musical. Longa suspensão entre o *Adagio funebre*, cheio de sangue e de lagrimas, do dia 1 de fevereiro e o *Scherzo animato*, obrigado a guisos e folias, do proximo 1 de março. E é assim a vida, uma variada symphonia em que os *scherzos* se vão succedendo aos *adagios*...

Dos concertos que havia em projecto para este mez, poucos foram os que se não transferiram para depois do entrudo, e esses mesmo sem importancia.

Os de Rey Colaço, continuando a interrompida serie de audições baratas, serão reanunciados a seu tempo.

O da *Sociedade de Musica de Camara*, que devia effectuar-se em fevereiro conforme o compromisso creado com os subscriptores, passa para março e será realizado provavelmente a 14. Já estão em ensaios os dois concertos que se hão-de effectuar excepcionalmente n'esse mez, para compensar os socios da forçada falta.

Os primeiros concertos que vão realizar-se depois do carnaval são os de Mad.^{elle} Ausse-nac, a illustre pianista de que nos occupámos largamente no ultimo numero, e cuja apresentação terá logar, ao que nos consta, no salão do Conservatorio, nas datas de 10 e 12.

Em principios d'abril apresentar-se-ha de novo a *Grande Orchestra Portuguesa* com os programmas que publicaremos no proximo numero.

*

Em meados de março espera se em Lisboa o opulento amador de musica, Louis Lombard.

Vem do seu castello de Lugano, em automovel, e dirige-se para Argel onde costuma fazer uma villegiatura de alguns mezes.

ESTRANGEIRO

No Queen's Hall de Londres appareceu agora um pequeno violinista, que dizem ser superior ao famoso Mischa Elmann, e que é

tambem, como este, discipulo de Léopold Auer.

Parece ser isento de todo o acrobatismo e teve um franco exito no *Concerto* de Tschai-kowski, em uma *Suite* de Sinding e em outras importantes obras de violino.

*

A collecção d'autographos musicaes que possuia Joseph Joachim foi vendida pouco depois da sua morte a um commerciante de Leipzig, que, por seu turno, cedeu a um opulento amador de Vienna d'Austria uma parte da mesma collecção.

Entre as partituras celebres que n'ella figuravam, contam-se uma *Cantata* de Bach, a *Romança* em fa, de Beethoven, o *Concerto* de Mozart em lá maior, para violino, o *Trio* em mi bemol de Schubert, etc.

*

O maestro Puccini encontra-se no Egypto, em villegiatura, e está trabalhando em uma nova opera que tem por titulo — *La Figlia dell'Ovest*.

*

Vae começar brevemente a grande epoca lyrica de S. Petersburgo. Os principaes artistas escripturados são as *prime-donne* Sigfrid Arnoldson, Rosina Storchio, Lina Cavalieri e Boronat, os tenores Anselmi e Sobinoff, os baritonos Nani e Battistini, o baixo Navarrini e o director d'orchestra Gino Golisciani.

*

Em Paris vae construir-se um novo theatro, na rua Cambon, em frente do Ministerio da Justiça; constituiu-se para isso um capital de 6 milhões de francos.

O novo edificio será muito sumptuoso e deverá conter 1500 a 2000 espectadores.

*

O *Dardanus* de Rameau, sob a direcção de Vincent d'Indy, teve tres representações no mez passado em Dijon. O exito foi tão lisonjeiro que se pensa em levar a velha opera proximamente a Paris, sob a mesma direcção.

*

O illustre violinista francez Henri Marteau foi nomeado professor da *Königliche Hochschule für Musik*, de Berlim, para o logar vago pelo fallecimento de Joseph Joachim.



Viva tu mare!...

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa

Antuerpia — Porto — Lisboa

Londres — Porto — Lisboa

Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS — STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.



Lambertini

Pianos das principaes fabricas: Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

Musica dos principaes editores:—
Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas. Ocarinas, etc.

Pecam-se os catalogos

Praça dos Restauradores

Augusto d'Aquino

Rua dos Correiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Asiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..

{ Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghemarkere
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

THE OFFICE OF THE
SHERIFF OF THE COUNTY OF
SANTA FE



PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella</i> , 12.
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho</i> , 34, 2.º
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé</i> , 48, 2.º
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula</i> , 48
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo</i> , 32, 4.º
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas</i> , 32, PORTO.
Candida Cilia , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ª Barbara</i> , 51, 5.º D
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França</i> , 23, 4.º
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes</i> , 10, 3.º, E.
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i> .
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião</i> , 9, 2.º
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha</i> , 232, A.
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões</i> , 71.
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo</i> , 1, 2.º, D.
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello</i> , 131, 2.º, D.
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam</i> , 17 r/c.
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras</i> , 48, 1.
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino, <i>Rua José Estevão</i> , 50, 3.º, E.
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento</i> , 17, 2.º
Julieta Hirsch Penha , profes.ª de canto, <i>R. Cons. Pereira Carrilho</i> , M.M.J. 3.º E.
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal</i> , 44, 2.º
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade</i> , 212, 4.º D.
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão</i> , 91, 4.º
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas</i> , 31, 3.º
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella</i> , 20, 3.º
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa</i> , 17, 1.º
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo</i> , 29, 4.º, D.
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento</i> , 47, 2.º, E.

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA